

PENSAMENTO AUTÔNOMO E ENSINO DE FILOSOFIA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE SCHOPENHAUER

Vilmar Debona

Doutorando em Filosofia pela USP, Mestre e Graduado em Filosofia pela PUCPR e professor do Departamento de Graduação em Filosofia da PUCPR. E-mail: v.debona@pucpr.br

“[...] podem-se dividir os pensadores entre os que pensam para si mesmos e os que pensam para os outros; estes são a regra; aqueles a exceção.” (A. Schopenhauer)

RESUMO

O texto versa sobre o tema do pensador autônomo, *Selbstdenker*, e sobre o ensino da filosofia sob a ótica do pensamento de Schopenhauer. Uma das questões analisadas é a da possibilidade de se pensar ou fazer filosofia autonomamente. Com isso, no entanto, depara-se com outra problemática concernente à história da filosofia: é possível conservar um grau de independência em relação à tradição quando se objetiva um pensamento autônomo? Aos olhos de Schopenhauer, se a história da filosofia fosse considerada como essencial, seria impossível não rejeitar à condição de se pensar a partir de problemáticas próprias. No entanto, o próprio pensador escreve seus *Fragments sobre a história da filosofia* e indica uma saída: a história pode ser considerada somente na medida em que se percebe nela uma afinidade com outra teoria que, por sua vez, deve ser autônoma.

PALAVRAS-CHAVE: Schopenhauer, *Selbstdenker*, *Bücherphilosoph*, pensamento autônomo, ensino de filosofia.

AUTONOMOUS THINKING AND GUIDANCE OF PHILOSOPHY: A REFLECTION A THOUGHT FROM SCHOPENHAUER

ABSTRACT

The text talks about the subject of the autonomous thinker, *Selbstdenker*, and about philosophy teaching under Schopenhauer's point of view. One of the analyzed questions is the possibility of thinking or doing philosophy autonomously. However, we face another problematic referring to the history of philosophy: is it possible to keep up some independence in relation to the tradition when we objectify an autonomous thinking? As stated by Schopenhauer, if the history of philosophy was considered essential, it would be impossible not to reject the condition of thinking from suitable problematics. Nevertheless, the thinker himself writes the *Fragments sobre a história da filosofia* and points out an solution: the history may be considered only as we understand in it an affinity with other theory that, by the time, must be autonomous.

KEY WORDS: Schopenhauer, *Selbstdenker*, *Bücherphilosoph*, autonomous thinking, philosophy teaching.

Considerações preliminares

Na língua alemã, *Selbstdenker* significa pensador autônomo, ou então, pensador de gênio; aquele filósofo, escritor, literato etc. que é capaz de pensar com um grau de independência elevado em relação a outras teorias, argumentações e conceitos. Trata-se de quem apresenta o conteúdo de seus escritos sem se prender ao arbítrio alheio, a partir do que pode vir a definir seu próprio estilo de maneira peculiar. Em contraposição ao *Selbstdenker* podemos inserir o *Bücherphilosoph* (filósofo ou pensador livresco), aquele que apenas repete o já dito por meio de expressões de “segunda mão” e distantes da originalidade.

Tais denominações foram utilizadas por Schopenhauer, no contexto cultural e acadêmico em que vivia, principalmente na primeira metade do século XIX, fato que demonstra inquietação da parte do pensador em relação à presença dessa última categoria no meio intelectual do qual fazia parte. Para designar as características de um *Bücherphilosoph*, por exemplo, Schopenhauer utiliza o adjetivo *filosofastro*, acusando de superficialidades tanto quem é dependente e demasiadamente apegado a conceitos, quanto quem, no contato com a filosofia, não se esforça para não vê-la reduzida a ambientes de sala de aula. Portanto, Schopenhauer dirige-se, sob um mesmo horizonte crítico, ao filósofo dependente da história da filosofia e ao professor de filosofia que não se anima com trabalhos filosóficos longe das cátedras. Mas a quem Schopenhauer está se dirigindo em específico? Especialmente a Hegel, enquanto historicista que depende da história dos conceitos para fazer filosofia, e a Schelling e a Fichte, enquanto obscuros professores de filosofia que, por faltar-lhes conteúdo, faltava-lhes também clareza de exposição. Não pretendemos aqui aprofundar tais acusações de Schopenhauer a seus contemporâneos, senão tomá-las como motivações a fim de uma reflexão acerca do pensamento autônomo e, pelo viés da história da filosofia, tecermos algumas breves considerações do ensino da filosofia. Não queremos, pois, fixarmo-nos na Alemanha do século XIX, mas considerarmos a temática do *Selbstdenker* que foi debatida naquele tempo a fim de apresentarmos uma interpretação dessa noção em relação ao ensino de filosofia e, como veremos, também em relação à arte de escrever com autonomia.

Por engendrar dependência, conformismo e falta de originalidade, a presença dos *Bücherphilosophen*, que poderiam ser denominados também de “falsos pensadores”, de copistas ou então de repetidores, suscita questões a serem debatidas que independem de época e de lugar. E isso bastaria para elegermos a preocupação de Schopenhauer como norte a fim de uma discussão que, a nosso ver, pode abranger não apenas a questão da produção intelectual e acadêmica de um pensador, mas também a forma por meio da qual essa mesma produção, principalmente a produção filosófica, pode ser transmitida. Ora, é por meio desse último aspecto, ou seja, da transmissão do conhecimento, que chegamos à questão do ensino da filosofia.

Por um lado, mediante o contato no meio intelectual e acadêmico com aquele estereótipo avesso ao pensamento autônomo, poderemos nos deparar com um aumento de obstáculos e desafios que se agregam à pesquisa séria. Por outro lado, quando tratamos do ensino

e da aprendizagem no âmbito da filosofia, percebemos que há a possibilidade de o *ensino de filosofia*, caso tome meramente a *história da filosofia* como norte (justamente o que, segundo Schopenhauer, reduz-se a uma verdade de outrem) passar a ser também uma assimilação e uma repetição descomprometidas. No caso do ensino, a ausência de compromisso apresenta-se aqui pelo fato de tratar-se de algo que não é oferecido pelo professor, derivando daí a falta de autonomia que não solicita do estudante um posicionamento original e próprio. Diante disso, podemos indagar: como é possível pensar autonomamente? O que é necessário para ser um *Selbstdenker*? Por outro lado, como ensinar filosofia? É possível estabelecer critérios (pedagógica e didaticamente “corretos”) para um pensamento ou uma filosofia autônoma?

A concepção schopenhaueriana de história e o ensino de filosofia

Para iluminar essas questões, vejamos o que Schopenhauer, profundo conhecedor e crítico de seus contemporâneos, pode nos oferecer, já que, conforme vimos, essas foram também indagações suas. Não percamos de vista, porém, o que de fato está em jogo quando se trata de refletir sobre autonomia no âmbito filosófico.¹ Uma coisa é apontar para a limitação com a qual se depara o sujeito do conhecimento que tem em vista *analisar* conteúdos e conceitos já ditos e que, propositadamente, não carrega nenhum objetivo de aprofundar-se em um determinado assunto. Outra coisa é problematizar o interesse, tanto de professores quanto de escritores e de pensadores distantes da cátedra, em inaugurar, de fato, visões e interpretações próprias de mundo e, portanto, que não dependam de outras teorias. Em outros termos, o que em última instância irá determinar o que pode ser afirmado serão os procedimentos e as pretensões de um estudante, professor, literato ou pensador no momento em que um desses personagens se dirige à história (no presente caso, à história da filosofia). Não obstante à amplitude e às inúmeras implicações que esse tipo de questão engendra, acreditamos ser possível afirmar que a concepção de “pensador autônomo” de Schopenhauer pode ser um bom critério de verificação da dependência, ou então da independência, de outrem no âmbito da filosofia e de seu ensino.

Sobretudo em seus *Parerga und paralipomena* (1851), o inimigo pessoal e intelectual de Hegel apontou para a infinidade de pensadores que simplesmente repetiam o que outros já haviam explanado de maneira original. Em *Sobre a filosofia universitária*, Schopenhauer refere-se principalmente a Fichte, a Schelling e a Hegel, travando confronto com eles e adjetivando-lhes de sofistas, de obscuros e de “professores de filosofia”. A obra tardia do filósofo alemão aparece como um sinal de contra-senso no contexto filosófico em que é publicada, fato que em pouco tempo a transformaria num pólo de contrapeso em relação às filosofias então predominantes; tanto em relação àquelas que pleiteavam a *intuição intelectual* (caso de Fichte e de Schelling) quanto àquela do *espírito absoluto* (Hegel).

¹ Kant também se ocupa com a questão do pensamento autônomo ao escrever sua *Resposta à pergunta: o que é Esclarecimento* [Aufklärung]. As considerações kantianas da capacidade e da coragem de quem alcança sua maioridade, ou então, de quem consegue fazer uso público e uso privado de sua razão, parecem estar próximas dos apontamentos de Schopenhauer sobre o pensador autônomo. O *sapere aude* não é somente uma expressão de ordenamento quanto ao pensar, mas também a indicação de que a autonomia só pode ser alcançada com esforço e, portanto, com desprendimento do labor e esforço alheios. Ora, essa não deixa de ser também a mensagem schopenhaueriana do *Selbstdenker*.

Isso se deve principalmente à conhecida oposição de Schopenhauer diante da magnânima recepção da “filosofia historicista” hegeliana do século XIX. Tornando-se, por isso mesmo, uma *avis rara* na história da filosofia, o pensador justificou, ao menos sumariamente, essa sua aversão. É que para ele, os volumosos compêndios de filosofia são uma mera tartufice, na medida em que agregam superficialidades de conteúdo para o leitor. Atentar-se demasiadamente para a história da filosofia é tornar-se dependente de outrem; é subordinar-se ao já dito. Deduz-se daí, pois, que se dependesse do astuto competidor de Hegel na cátedra de Berlim, o ensino de filosofia não seria elogiado. O motivo por excelência, para tal, pode ser o mesmo que fez com que o filósofo reprovasse a filosofia enquanto história: nesse jogo é impossível aliar-se à autonomia e o *Selbstdenker* não vinga.

Neste íterim, há de se admitir, no entanto, que a inevitável influência de sistemas ou de pensadores - por meio da pesquisa séria - sempre atrai discípulos, para os quais conceitos e métodos apresentam-se como alavancas necessárias em vista da elaboração de novas teorias. Em termos de pesquisa acadêmica, se tais influências não ocorressem, não haveria o que se chama de “linhas de pesquisa”, modo de se associar sistemas de pensamentos com características semelhantes e de se discutir sobre eles. Isso não significa, porém, que não haja condições para que o “seguidor” de uma determinada linha de pesquisa, ou então para aquele que se dispõe a analisar o sistema e o pensamento de um certo autor, apresente também suas interpretações próprias e o seu modo singular de construir uma argumentação e uma tese.

Mas o nosso problema ainda permanece: o que é preciso para ser um *Selbstdenker*, um pensador autônomo? Kant, em seus *Prolegômenos*, ao acercar-se “do problema da metafísica”, parece ter dado algumas indicações. Observemos as palavras do próprio filósofo:

[...] minha intenção é a de convencer a todos aqueles que consideram valer a pena se envolver com a metafísica: é absolutamente necessário abandonar por enquanto seu trabalho, considerar tudo o que já aconteceu até agora como inexistente e, antes de mais nada, lançar a questão: “será que algo como a metafísica é realmente possível?”²

Talvez a questão primordial quando se fala num *Selbstdenker* não seja a de propriamente abandonar ou ignorar o que já se pensou e produziu até o momento, mas sim a de encontrar uma forma de não-dependência em relação ao que já se fez para se poder, assim, pensar por si próprio. O desafio está em fazer com que aquilo que se discute filosoficamente faça eco e não se reduza a uma especulação conceitual que vise preencher mais um capítulo dos manuais de história.

Em seus *Aforismos para a sabedoria de vida* (parte da obra publicada primeiramente em Berlim com o título de *Parerga und Paralipomena*), encontra-se uma preocupação de Schopenhauer em “curar as doenças crônicas” dos escritores, literatos e jornalistas. Segundo o filósofo, os “pensadores livrescos” pareciam conclamar a conveniência com a ausência do

² KANT, I. *Prolegômenos*, p. 1.

pensamento próprio e audacioso na elaboração de toda e qualquer produção intelectual a ponto de alguns chegarem mesmo a concordar com o mote de que “para quem nada é bom, nada é igualmente ruim”.

As indicações schopenhauerianas a despeito do *Selbstdenker* podem ser tomadas como possíveis indicações opostas à toda forma de repetição e de transcrição. Por esse viés é que chagamos à questão nevrálgica: segundo Schopenhauer, tanto para o escritor quanto para o filósofo-pensador e para o literato, o ponto fundamental ou o critério de originalidade deve residir num *processo de assimilação* a fim de que, no próprio ato em que se assimila, seja possível *gerar* conceitos próprios. À semelhança de um organismo, trata-se de trabalhar e de transmutar o que se ingeriu (ou se recebeu) no contato com outras obras para que, a partir do ato da recusa de certos elementos, possa-se obter uma substância própria, uma forma singular de se encarar a realidade, o mundo, os problemas. Isso seria propriamente a *autonomia*. E o “conteúdo” que é ingerido para depois ser trabalhado pode ser tanto um conceito, quanto um método, ou até mesmo um pressuposto de onde se parte.

Schopenhauer como *Selbstdenker*

Diante disso, acreditamos ser relevante atentar para o aspecto biográfico de Schopenhauer e considerar o que o próprio filósofo fez em relação ao pensamento autônomo. Como afirma Franco Volpi, Schopenhauer soube conjugar “[...] a profundidade com a clareza, a minúcia da observação com a amplitude dos horizontes, o rigor do raciocínio com a vivacidade da exposição, a verve polêmica com a paixão do conhecimento.”³ Podemos até afirmar que, conforme ele mesmo costumava dizer, o fato de se passar da leitura de um de seus contemporâneos e compatriotas (caso de Hegel) para seus próprios textos produzir a sensação de que se sai de um quarto escuro para uma sala iluminada, se deva à relevância atribuída pelo pensador aos aspectos da originalidade e da clareza na filosofia.

Caso desejemos, então, atribuir a Schopenhauer o epíteto de “pensador autônomo”, a consideração dos espaços freqüentados pelo filósofo parece ser relevante. Era no salão de sua mãe - a romancista Johanna Schopenhauer - em Weimar, que pensadores de quilate, como Wieland e Goethe, encontravam-se movidos sempre por discussões minuciosas acerca de temas polêmicos. Tais pensadores não hesitavam em tecer elogios à Schopenhauer ao mesmo tempo em que reconheciam suas qualidades literárias. De fato, o pensador era profundo conhecedor das principais línguas européias, por meio das quais freqüentava a literatura no original. Tomando o filólogo Franz Passow como guia, Schopenhauer dominava também as línguas clássicas, a ponto de escrever diretamente em latim.⁴

Ao perceber a raridade desse modo de proceder na filosofia em seu contexto intelectual, o filósofo resolveu apontar conselhos para bem praticar a escrita, intenção que o fez

³ VOLPI, F. in SCHOPENHAUER, A. *Sobre o ofício do escritor*, p. VIII.

⁴ A ocupação do filósofo com a língua e com o estilo situava-se no momento em que o latim deixava de ser a língua científica internacional e era substituída pelas línguas nacionais.

abranger, como uma conseqüência inevitável, a prática do pensar autonomamente. O que impulsionou Schopenhauer a tal empreendimento foi a consciência de que a limpidez da escrita é o reflexo da clareza e da originalidade do pensamento. E, mais ainda, que a qualidade da escrita deve ser um hábito irrenunciável de todo pensador.

É por isso que a demonstração da oposição entre um *Selbstdenker* e um *Bücherphilosoph* pode ser tomada aqui no mesmo patamar e como um pressuposto da clarividência ou, inversamente, do obscurantismo na escrita. Sendo assim, podemos afirmar que uma boa escrita pressupõe um pensamento próprio e autônomo. De fato, essa é uma das primeiras dicas de Schopenhauer, algumas das quais serão apontadas a seguir.⁵

“Antes de tudo, há dois tipos de escritor: os que escrevem por amor ao assunto e os que escrevem por escrever.”⁶ Aos primeiros, Schopenhauer se dirige como aqueles que tiveram idéias e que, com suas experiências, concluíram que as mesmas eram dignas de ser comunicadas. Aos segundos, como aqueles que escrevem por dinheiro, e que, por mais que prolonguem seus pensamentos, esses sempre serão expostos forçadamente, com meias-verdades e obliquidades, faltando-lhes precisão e clareza.

Por outro lado, pode-se dizer que há três tipos de autor: em primeiro lugar, os que escrevem sem pensar. Escrevem partindo da memória, de reminiscências, ou até diretamente de livros alheios. Essa classe é a mais numerosa. Em segundo lugar, os que pensam enquanto escrevem. Pensam a fim de escrever. São muito freqüentes. Em terceiro lugar, os que pensaram antes de se porem a escrever. Escrevem simplesmente porque pensaram. São raros.⁷

De forma geral, é inegável a existência de escritores que de fato pensam sobre o que escrevem. Contudo, o mais importante reside no *a partir do que se pensa*. Isso porque alguns pensam meramente a partir de livros, daquilo que já foi dito, tornando-se eternos dependentes da verdade alheia, sem alcançar uma originalidade. O filtro que passa a determinar, pois, a importância intelectual da expressão de qualquer pensador comprometido é sempre o grau de desinteresse de cada escritor. Podemos dizer que quando se escreve tendo em primeiro plano uma finalidade interesseira, logo há de se notar a carência de conteúdo e de profundidade saltando-se aos olhos.

Outro apontamento de Schopenhauer é sobre o estilo na escrita: “o estilo é a fisionomia do espírito. Esta é mais iniludível que a do corpo. Imitar o estilo alheio significa usar uma máscara.”⁸ “[...] a primeira regra do bom estilo, que por si só já é quase suficiente, é a de ter algo a dizer: oh, com ela se vai longe!”⁹ Imitar o *estilo* alheio significa apossar-se do *como* usado por certo pensador. Não é necessário, para isso, ser conhecedor do *conteúdo* (*sobre o que* ou *o que*) de um

⁵ O objetivo dessa parte é transcrever alguns trechos (grifados em itálico) dos escritos “menores” de Schopenhauer, entendidos como apontamentos do filósofo na medida em que especificam e classificam algumas formas de se pensar e escrever. Após cada citação segue um comentário que também pode ser tomado como uma *assimilação* dos textos schopenhauerianos. Por outro lado, tenha-se como embasamento primordial a distinção, implícita nesses trechos, entre um *Selbstdenker* e um *Bücherphilosoph*.

⁶ SCHOPENHAUER, A. *Sobre o ofício do escritor*, p. 3.

⁷ Idem, p. 5.

⁸ Idem, p. 26.

⁹ Idem, p. 32.

tal pensamento, uma vez que, para tanto, exigir-se-ia muito mais trabalho e rigor. O estilo revela o caráter formal dos pensamentos de um homem e, portanto, apresenta-se como independente em relação ao *o que* e *sobre o que* ele pensou. Mais uma vez, a imitação espelha a incapacidade da coragem da parte do *Bücherphilosoph*. Quanto a isso, Schopenhauer cita Scotus Erigena, Petrarca, Bacon, Descartes e Espinosa como exemplos de pensadores originais que foram capazes de, mesmo escrevendo em latim, não imitar os antigos escritores latinos. Ao afirmar que é preciso “ter algo a dizer”, Schopenhauer refere-se aos “escritores filosóficos” da Alemanha de sua época, especialmente depois de Fichte. Tenha-se presente, além disso, a declaração feita por Schopenhauer contra toda filosofia universitária, designada por ele como espaço onde atuam os pseudo-filósofos.¹⁰

Em seus escritos tardios, Schopenhauer afirma também: “obscuridade e indistinção na expressão é, em toda parte e sempre, um sinal muito grave.”¹¹ Schopenhauer atribui como causas da obscuridade na expressão de qualquer pensamento a desproporção original, a inconsistência e, por isso, a inexatidão. O pressuposto é o de que aquilo que um homem é capaz de pensar pode ser expresso sempre com palavras claras, compreensíveis e inequívocas.

Vimos, pois, como Schopenhauer, ao tematizar o pensador autônomo, acaba apresentando a arte da escrita como um dos critérios a partir do qual é possível perceber características de alguém que vai por si mesmo ou, ao contrário, de quem é dependente.

É preciso, todavia, voltarmos à temática da história da filosofia para percebemos como a questão da falta de originalidade de um pensador liga-se diretamente com a dependência do ensino em relação à história do pensamento. Quando afirmamos que a posição de Schopenhauer é contrária à história da filosofia estamos, concomitantemente, referindo-nos a outro ensaio do filósofo intitulado *Fragmentos sobre a história da filosofia*, também publicado nos *Parerga* de 1851.¹² A opinião do pensador é a de que o estudo da história da filosofia – e, diga-se de passagem, o ensino de filosofia – não é decisivo para uma visão filosófica de mundo, embora a história possa contribuir para tal. O ideal, segundo o pensador, é tomar os sistemas de filosofia segundo uma seleção de textos compilados em vista do que já se pensou originariamente. Quanto a quem deve realizar tal seleção de textos, Schopenhauer indica “uma comunidade consciente formada por eruditos honestos e inteligentes”, o que evitaria o risco da parcialidade de uma única cabeça. Vale lembrar que, curiosamente, o próprio pensador realiza uma seleção de textos, no ensaio dos *Fragmentos*, como que filtrando a história a partir de sua concepção de mundo. Mesmo assim, poderíamos indagar a Schopenhauer: quais seriam então os critérios a partir dos quais poderíamos saber se as decisões desta “comunidade consciente” são dignas de serem consideradas sem haver parcialidades? Essa é uma questão, aliás, que se pode fazer para qualquer organizador desses compêndios que condensam toda a história da filosofia em poucos volumes. Além disso, a mesma pergunta soaria como relevante caso fosse dirigida àqueles que organizam os conteúdos nos livros didáticos de filosofia de uma forma cronológica ou então temática. Se é

¹⁰ Leia-se, para isso, *Sobre a filosofia universitária*.

¹¹ Idem, p. 39.

¹² Esta obra recebeu recente tradução para a língua portuguesa de Karina Jannini, pela Editora Martins Fontes.

possível ensinar filosofia, tarefa que Schopenhauer condena, quais seriam os elementos essenciais e indispensáveis para esse intento?

Seja qual for o critério estabelecido para tal, nunca será irrelevante a consideração das afinidades que uma certa filosofia pode ter com um jeito peculiar de se encarar o mundo da parte do próprio indivíduo que a ela recorre. Assim, todo aquele que entra em contato com a filosofia pode escolher o que lhe interessa. Isso é próprio do pensador autônomo (e, por que não, do estudante autônomo?) que vai por si mesmo ao mundo, após ter se desprendido da história dos conceitos.

Algo possível de ser assimilado a partir da aversão de Schopenhauer à história da filosofia é o fato de que, nesse ínterim, ser filósofo significa entrar em contato direto com o mundo, com a matéria-prima dos objetos; é considerar que a história da filosofia resume-se a uma história do modo pelo qual pessoas geniais contataram com o mundo, enfim, é aprender que *a história da filosofia não é filosofia*. A história pode ser considerada apenas na medida em que se percebe nela uma afinidade com uma outra teoria autônoma. Mas pensar com autonomia é, concomitantemente, negar a história em sua essência. Logo, aquilo que é possível propor para um ensino de filosofia quando esta deve ser tomada como desprendida de seu próprio percurso, permanece um desafio.

Considerações finais

Os apontamentos de Schopenhauer podem ser acolhidos como sugestões a fim da constituição e da constatação, por um lado, de um pensamento próprio, autônomo e peculiar e, por outro lado, de um ensino de filosofia consciente de seus critérios e limites. Se o filósofo alemão insistia na questão de que não se pode, de maneira alguma, ensinar alguém a ser um “pensador de gênio”, um *Selbstdenker*, ele também reprovava toda forma de apego à história da filosofia. Ora, é este desapego profetizado pelo filósofo que nos autoriza a afirmar, sob a ótica deste pensamento, que aquele ensino de filosofia que se prende à história dos conceitos e não oferece ao “aprendiz” as possibilidades de construir seu próprio percurso deveria estar em vias de extinção. Contudo, para o caso do pensamento autônomo, é irredutível a ideia de que se possa adquirir meios, e acima de tudo normas práticas de outrem, para a consistência e a fundamentação de um pensamento singular. Em vista de tal aquisição, o legado deixado pelo filósofo de Frankfurt parece funcionar como um “guia prático”. Para o caso do ensino, a história [da filosofia] deveria consistir numa base de provocação e, assim, não deter um fim em si mesmo.

Numa tentativa de se apontar meios para uma identidade autônoma quanto ao pensar, as afirmações schopenhauerianas de que a constituição de um pensamento próprio (de um *Selbstdenker*) contrapõe-se à receptividade passiva de tributos alheios - recepção que se pode constatar em larga escala no ensino de filosofia - apresenta-se, pois, como uma alternativa a ser considerada, tanto para quem quer filosofar, quanto para quem pretende “ensinar” filosofia.

Eis, pois, uma reflexão que, dada a urgência de discussões em torno do ensino da filosofia e principalmente diante da atualidade de sua volta como disciplina obrigatória no Ensino

Médio do Brasil, pode se apresentar como uma significativa contribuição da parte de Schopenhauer. Tais discussões, quando voltadas especificamente ao pensamento autônomo ou ao ensino, poderiam inspirar-se na provocadora afirmação do pensador: “a pena é para o pensar o que a bengala é para o andar; mas o caminhar mais rápido é aquele sem bengala, e *o pensamento mais perfeito vai por si mesmo* sem a pena.”¹³.

Referências

- BARBOZA, J. *Infinidade subjetiva e estética: natureza e arte em Schelling e Schopenhauer*. São Paulo: Unesp, 2005.
- NIETZSCHE, F. *Considerações extemporâneas*. São Paulo: Abril, 1978. (Coleção Os Pensadores).
- KANT, I. *Prolegômenos*. Trad. T. M. Bernkopf. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Os Pensadores).
- _____. *Textos seletos*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*. Trad. J. Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. *Parerga und Paralipomena* (Tomo I). Zurique: Haffmans, 1988.
- _____. *Sobre o ofício do escritor*. Trad. E. Brandão e L. S. Repa; Org. F. Volpi. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *A arte de insultar*. Trad. E. Brandão e K. Janinni; Org. F. Volpi. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *Sobre a filosofia universitária*. Trad. M. L. Cacciola e M. Suzuki. São Paulo: Polis, 1991.
- _____. *Fragmente zur Geschichte der Philosophie*. Zurique: Haffmans, 1988.
- _____. *Fragmentos sobre a história da filosofia*. Trad. Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

¹³ SCHOPENHAUER, A. *Sobre o ofício do escritor*, p. 15, grifo nosso.